

Emoções e esporte em diálogo¹

Luiz Rojo

Abrindo o diálogo

Penso que iniciar este capítulo expondo parte de minha biografia acadêmica possa ajudar a compreender a importância que atribuo a este diálogo entre a Antropologia dos Esportes e a Antropologia das Emoções. Desde minha monografia de graduação, na qual analisei algumas das tensões entre adolescentes de camadas médias e suas famílias, contrastando filhos de pais casados com filhos de pais separados (ROJO, 1998), passando pela dissertação de mestrado, na qual estudei as relações de amizade entre estudantes de Medicina de uma universidade pública do Rio de Janeiro (ROJO, 2001), até minha tese de doutorado, na qual abordei as relações entre corpo, gênero e amizade em uma comunidade naturista no Rio Grande do Sul (ROJO, 2005b), o tema das emoções e, particularmente, da amizade como emoção, para além de sua dimensão socializadora, sempre esteve presente.

Desse modo, quando decidi mudar meu campo de investigações para a área dos estudos do esporte, eu não abandonei a discussão sobre as emoções, apenas reorientei meu foco para um novo objeto de pesquisa. Assim, minha primeira investigação na Antropologia dos Esportes foi sobre os discursos emocionais presentes na cobertura da mídia esportiva nos Jogos Olímpicos (ROJO, 2005a) e todas as minhas pesquisas subsequentes estabeleceram algum tipo de diálogo entre esses dois campos da Antropologia.

1 O tema da emoção apareceu pela primeira vez no GT de Antropologia dos Esportes na 27ª RBA (2010) por meio do trabalho do próprio Luiz Fernando Rojo, *O campo no mar: fazendo observação participante na vela*.

Desde o primeiro momento, um aspecto chamou fortemente a minha atenção. Apesar da significativa importância dessa temática no campo dos esportes, reconhecida por muitas das pessoas que já pesquisavam este tema, a única referência teórica utilizada em quase todos os trabalhos apresentados era o livro *Em Busca da Excitação* (ELIAS; DUNNING, 1992). Ao mesmo tempo, olhando de forma retrospectiva para todo o período em que estive mais próximo aos grupos que se dedicavam à Antropologia das Emoções, eu fiquei surpreendido pela quase absoluta ausência das práticas esportivas como objetos empíricos.

Portanto, um dos meus principais objetivos neste trabalho, para além da celebração dos vinte anos do grupo de Antropologia dos Esportes nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, será dar alguma contribuição para a redução dessa lacuna. Para tal, partirei de algumas referências teóricas da Antropologia das Emoções que entendo pertinentes para apontar algumas limitações na perspectiva de Elias e Dunning. Com isso, buscarei apresentar algumas teorias alternativas para a análise das emoções e dos discursos emotivos no esporte. Em seguida, irei refletir sobre como as atividades esportivas podem ser não apenas um campo profícuo para o estudo das emoções, mas como possibilitam um aprofundamento do debate sobre as relações entre corpo e emoção. Finalmente, na conclusão, pretendo apresentar com um pouco mais de detalhamento, alguns dos caminhos pelos quais este diálogo tem mostrado toda a sua capacidade de contribuir tanto do ponto de vista mais estritamente etnográfico quanto para a elaboração teórica da Antropologia, bem como indicar algumas possibilidades para futuros desenvolvimentos de pesquisas que articulem essas duas dimensões.

Das Emoções para os Esportes

Em consonância com a perspectiva de Elias sobre o processo civilizatório (ELIAS, 1989), iniciado por volta do século XVIII na Inglaterra e, a partir daí, disseminado pela Europa Ocidental, o livro *Em Busca da Excitação*

analisa o papel dos esportes nessa nova "configuração social". Na obra, Elias e Dunning dedicam grande atenção para o estudo dos aspectos emocionais relacionados ao esporte. Na teoria que apresentam, o processo civilizatório seria responsável por uma extraordinária contenção de pulsões naturais que, em tempos passados, poderiam ser mais livremente expressas. A partir desse controle da agressividade, uma nova etiqueta exigida à mesa, bem como nas mais cotidianas atividades sociais e em outras dimensões que estabeleciam regras de expressão do corpo e das emoções, o "homem civilizado" teria começado a apresentar uma demanda de novos espaços nos quais ele poderia ser socialmente autorizado a dar vazão a suas pulsões originais. Para esses autores, portanto, os esportes constituíram uma arena em que as pulsões poderiam ser canalizadas por meio do que eles denominaram "um controlado descontrole das emoções".

Esta teoria poderia contribuir para o entendimento do processo pelo qual jogos populares e outras atividades corporais foram transformados em esportes regulados e universalmente codificados, particularmente a partir de sua origem na Inglaterra do século XIX. Ao mesmo tempo, para Dunning, isso poderia explicar o fenômeno do aumento da violência entre torcedores de futebol, na mesma Inglaterra do século XX, como falhas na incorporação dessa "civilização dos costumes" principalmente nos estratos inferiores das classes trabalhadoras, o que se encontra presente em alguns de seus trabalhos que analisam a questão do hooliganismo, na mesma obra.

Em todos esses aspectos, tais trabalhos reproduzem um entendimento de que as emoções são "dimensões internas", partes de uma natureza humana. Desse modo, as restrições a essas emoções consideradas inatas implicam, automaticamente, a necessidade de uma válvula de escape, como em uma panela de pressão. Nesse contexto, os esportes funcionariam como tais válvulas.

Ao lado dessas concepções fiscalistas e universalistas, que naturalizariam o que as emoções são, essa perspectiva se apresenta como incapaz de pensar sobre o que os discursos sobre as emoções produzem nas arenas sociais. Esse é exatamente um dos pontos mais importantes da teoria contextualista das emoções, tal como proposta por Lila Abu-Lughod

e Catherine Lutz (1990). Partindo de uma compreensão própria a respeito do conceito de discurso apresentado por Foucault, as autoras concentram suas análises principalmente sobre o que esses discursos emocionais produzem, entendendo as emoções não como uma essência, mas como se originadas à parte dos distintos contextos nos quais as pessoas interagem.

Esse pressuposto pode contribuir para interpretar como as dimensões do gênero, da etnicidade, de idade e da deficiência, entre outras, podem se enredar com os discursos das emoções nos esportes. Isso significa que as emoções precisam ser situadas dentro de uma rede de relações de poder para adquirirem significados. Ao mesmo tempo, elas devem ser entendidas como importantes discursos nativos na legitimação de divisões e hierarquias nas atividades esportivas. Uma das mais significativas destas é a que desqualifica as modalidades praticadas pelas mulheres em comparação com as praticadas por homens. Entretanto, essa não é a única possibilidade do uso de referências teóricas da Antropologia das Emoções para construir melhores interpretações sobre a questão das emoções no campo dos esportes. Pussetti propõe um interessante diálogo entre a Neurociência Cultural e a Antropologia das Emoções, na tentativa de ultrapassar a dicotomia entre os aspectos biológicos e socioculturais do corpo:

A noção de plasticidade ocupa hoje um lugar central no âmbito das neurociências e as experiências conduzidas confirmam que o cérebro humano não é um órgão definitivamente formado à nascença, mas antes uma entidade dinâmica, moldada pelo ambiente e pela experiência individual e capaz de criar continuamente novas configurações. Se antes pensava-se na plasticidade como uma característica só dos primeiros meses ou anos da vida e de determinadas partes do cérebro, os neurocientistas agora comprovaram que a plasticidade se aplica a todo o cérebro e para todo o curso da vida (PUSSETTI, 2015, p. 26).

Essa contribuição pode abrir um novo campo de diálogo entre as Antropologia Física e Cultural nos esportes, algo praticamente inexistente neste momento, pelo menos na Antropologia brasileira. Tradicionalmente, as atividades esportivas estiveram associadas com mudanças corporais, mas estas sempre foram entendidas a partir da dicotomia corpo/mente, cindindo

suas análises entre aqueles dois subcampos da Antropologia dos Esportes. A partir da perspectiva de Pussetti torna-se possível pensar sobre como essas atividades, bem como as emoções sentidas durante a prática, podem ser parte de um incessante remodelamento do cérebro.

A associação entre as contribuições de Pussetti e as de Abu-Lughod e Lutz pode nos ajudar a construir novas interpretações sobre como determinados discursos sobre as emoções, principalmente aqueles envolvendo gênero, etnicidade e deficiência, podem não apenas produzir efeitos sociais, mas também trazer consequências individuais, operando como um tipo de catalizador na introjeção de hierarquias sociais e na naturalização das desigualdades a partir das dimensões supracitadas.

Desse modo, no curto espaço dedicado a apresentar algumas contribuições da Antropologia das Emoções para o estudo dos esportes, eu pretendi sublinhar um caminho que parte da completa associação entre emoções e algum tipo de "natureza humana", na qual as primeiras eram compreendidas como sendo causadas pela segunda, passando por uma leitura mais culturalista para chegar até uma tentativa de articular ambas as dimensões, mediante a integração da mente no corpo e destes na cultura.

Dos Esportes para as Emoções

O boxeador domina suas emoções à medida que é capaz de escondê-las e controlá-las. O medo é um trunfo para um combatente. Ele o faz se mexer mais velozmente, faz ele ficar mais rápido e mais alerta. Os heróis e os medrosos sentem exatamente o mesmo medo. Simplesmente os heróis reagem a ele de um modo diferente (WACQUANT, 2002, p. 113).

Wacquant é um dos pioneiros a discorrer sobre a articulação entre corpo e emoções nos esportes. Seu livro *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*, um clássico em nossa área, ilustra como o estudo dos esportes pode contribuir para uma compreensão mais refinada dessas dimensões na Antropologia das Emoções e, ao mesmo tempo, sublinhar a importância desse tema em nossas próprias investigações nos esportes.

Partindo de uma leitura maussiana que estabelece uma divisão entre uma origem natural das emoções e uma expressão cultural destas, o autor irá nos mostrar como as características das atividades esportivas podem servir como uma arena excepcional para analisar tais interseções.

Desse modo, na citação apresentada, Wacquant expressa como a emoção é entendida por ele como alguma coisa internamente produzida – o medo sendo natural para heróis e medrosos – mas cujas expressões podem ser socialmente moldadas. Proponho aqui conectar essa passagem com as considerações de Archetti sobre o esporte como uma das "zonas livres" existentes nas sociedades.

As tendências ordenadoras da sociedade estão relacionadas com instituições públicas como a escola, o serviço militar, o trabalho, as cerimônias públicas e os rituais de nacionalidade. As zonas "livres" [...] permitem a articulação de linguagens e práticas que podem desafiar um domínio público oficial e puritano. Nas sociedades modernas, o esporte, os jogos e o baile são espaços privilegiados para a análise da liberdade e da criatividade cultural (ARCHETTI, 2003, p. 42).

Com isso e com o entendimento de que a emoção pode ser pensada também como uma linguagem, é possível criar uma melhor interpretação de situações tais como o medo no boxe ou no alpinismo, o choro dos torcedores e jogadores homens no futebol em contraste com outros espaços públicos em que se afirma que "homens não choram" e outros discursos sobre emoções os quais nem sempre são possíveis de serem observados em outras espaços "oficiais". Tais discursos também reforçam a dimensão contextual das emoções, enfatizando como a produção destas está grandemente associada com os diferentes contextos nos quais adquirem significado. Desse modo, para a análise das múltiplas e mutáveis emoções que podem ser observadas, é preciso levar em consideração se o atleta está em um ponto decisivo de um torneio, em um treinamento, em uma partida que envolva um tipo específico de rivalidade, se a modalidade é individual ou coletiva, bem como se o atleta está representando apenas a si mesmo, um time particular ou a nação.

Em outra direção, trabalhos sobre os chamados “esportes de risco” podem nos trazer inúmeros caminhos para pensar emoções tais como o medo. Em que medida essa única palavra dá conta de descrever o que é produzido por algo desejado e controlado, tal como ocorre na prática de atividades como o *base-jump*, no qual uma pessoa se lança de grandes altitudes sustentada apenas por um cabo de aço e pelo que é provocado por uma situação inesperada tal como um acidente ou um assalto à mão armada. Embora seja possível listar muitos outros exemplos aqui para ilustrar como os estudos dos esportes podem contribuir com o campo das emoções na Antropologia, eu gostaria de finalizar esta seção com uma questão específica, oriunda de meu trabalho de campo com atletas com deficiência. Nessa pesquisa eu pude observar como duas emoções interagindo em um contexto particular podem mudar as avaliações específicas sobre cada uma delas.

Durante os Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, a equipe brasileira de futebol de sete, para pessoas com paralisia cerebral, foi derrotada no jogo semifinal pelo Irã pelo placar de cinco a zero. Muitas vezes, frente a esse tipo de derrota com um resultado tão expressivo, mesmo frente a um adversário considerado superior, é esperado o surgimento de emoções como tristeza, decepção e outras semelhantes, principalmente quando essa derrota é acompanhada por intensas vaias da torcida, como foi o caso. Entretanto, no vestiário, muitos dos jogadores brasileiros estavam exultantes e felizes, celebrando não o resultado, admitido como além de uma derrota esperada, mas justamente o fato de terem sido vaiados. Um deles se expressou da seguinte maneira:

Em 2007, durante os Jogos Parapanamericanos, nós jamais teríamos sido vaiados desta forma porque nós éramos vistos como “coitadinhos”, como pessoas que mereciam pena, compaixão. Então nós podíamos jogar muito mais e, mesmo assim, as pessoas ainda aplaudiriam, mas hoje foi diferente! Hoje nós fomos tratados como atletas. A compaixão acabou!

Isso implica que as emoções entre esses jogadores foram construídas a partir de uma série de particularidades que constituem aquele contexto, sendo distinto para quem participou dos Jogos de 2007, tendo vivido

o que eles mesmo chamavam de "outros tempos" e aqueles, mais jovens, que reagiram àquela derrota e às vaias a partir de outro referencial. Além disso, em sintonia com o que foi discutido por Clark (1997), esses discursos reforçam o entendimento de que a compaixão pode ser lida como uma emoção fortemente discriminadora, ao colocar em patamares hierarquicamente diferentes aqueles que sentem compaixão, aqueles que mereceriam compaixão e quem sequer mereceria que as pessoas se compadecessem delas, sendo essas diferenciações normalmente determinadas por padrões morais hegemônicos.

Considerações finais

Durante vinte anos de atividades, o Grupo de Trabalho (GT) de Antropologia dos Esportes, da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), produziu diversos tipos de diálogos e contribuiu para o fortalecimento desse campo de estudos. Muitas pessoas foram importantes nesse processo, mas quero aproveitar a conclusão deste capítulo para homenagear o papel singular de Simoni Lahud Guedes, não apenas na constituição do grupo, na internacionalização de nossa área e na formação de gerações de pesquisadores, mas também no início de um diálogo entre as emoções e os esportes.

Como falei na introdução, minha trajetória acadêmica se iniciou fortemente vinculada aos estudos das emoções e foi por esse caminho que entrei no campo dos esportes. Durante meu pós-doutoramento, supervisionado por Simoni Guedes, tive a oportunidade de ministrar um curso sobre Antropologia das Emoções, na pós-graduação, o qual ela gentilmente estimulou que muitos de seus orientandos acompanhassem. Por outro lado, o contato sempre permanente com minha orientadora de mestrado e doutorado, Claudia Rezende Barcellos, possibilitou que este diálogo se mantivesse e se aprofundasse, inclusive com a ampliação de pesquisadores que, vindos desse mesmo campo de estudos das emoções, tomassem os esportes como objeto privilegiado de análise.

Sou profundamente grato a essas professoras que foram determinantes na minha formação profissional e que, por diversos caminhos, ajudaram a tecer os fios que unem, de forma cada vez mais forte, esses dois campos. Há, ainda, muito trabalho a ser feito no aprofundamento das contribuições teóricas e etnográficas, particularmente no diálogo entre corpo, etnicidade, gênero e emoção. Espero que o debate que apresentei neste capítulo possa ter, simultaneamente, apresentado um panorama de alguns dos principais eixos de pesquisa atuais que conectam as emoções e os esportes no Brasil, bem como estimulado que novas pesquisas e novas pessoas se somem a esta trajetória.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life. In: LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila (Ed.). *Language and the politics of emotion*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-23.

ARCHETTI, Eduardo. *Masculinidades*. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

CLARK, Candace. *Misery and Company*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Diffel, 1992.

ELIAS, Norbert. *El proceso de la civilización*. México: Fondo de Cultural Economica, 1989.

PUSSETTI, Chiara. As razões do coração: entre neurociências culturais e antropologia das emoções. *RBSE: Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 23-41, dez. 2015.

ROJO, Luiz Fernando. Discursos sobre a emoção entre atletas olímpicos brasileiros. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2005a.

ROJO, Luiz Fernando. *Os diversos tons do branco: relações de amizade entre estudantes de Medicina da UERJ*. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 2001.

ROJO, Luiz Fernando. *Problema ou privilégio: analisando adolescentes filhos de pais casados e separados em uma escola particular do Rio de Janeiro*. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 1998.

ROJO, Luiz Fernando. *Vivendo “nu” paraíso: comunidade, corpo e amizade na Colina do Sol*. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – UERJ, Rio de Janeiro, 2005b.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.